

MUSEOLOGIA LGBTQIA+: POSSIBILIDADES E DESAFIOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NO MUSEU MUNICIPAL DE CAMPO MOURÃO

Thiago Rodrigues da Silva, Universidade Estadual do Paraná

Introdução

O seguinte texto busca apresentar um relato de experiência sobre um trabalho que fui convidado a desenvolver na cidade de Campo Mourão para o Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira, que passava por uma reforma no ano de 2023. O objetivo inicial foi a construção de uma exposição que trouxesse ao espaço do museu elementos que apresentassem ou questionassem alguma representatividade para a comunidade LGBTQIA+ local. Por conta do curto prazo, optei pela elaboração de um painel que prezasse pela simplicidade e didática, que fosse direto e objetivo, mas que ao mesmo tempo problematizasse a falta de sujeitos pertencentes à comunidade de minorias sexuais. Neste texto falarei de alguns dos meus desafios, dos acertos, da reação do público, e por fim, trarei algumas possibilidades de diálogos com a chamada Museologia LGBTQIA+, que desenvolvi através de leituras e reflexões feitas a posteriori, com o objetivo de contribuir para com aqueles que se propuserem a construir espaços museológicos mais diversos, inclusivos e respeitosos.

Materiais e métodos

No dia 27 de julho de 2023 recebi o convite para produzir algo que ocupasse um espaço no museu municipal de Deolindo Mendes Pereira de Campo Mourão que seria dedicado à população LGBTQIA+. Assim, devido ao pequeno prazo de apenas uma semana, redigi e encaminhei um pequeno texto com três parágrafos curtos, baseado em meus conhecimentos e leituras sobre direitos humanos, memória, museus e sexualidade.

Tive grandes dificuldades na construção desse texto, pois, assim como em grande parte dos trabalhos sobre a comunidade LGBTQIA+, não havia fontes de fácil acesso disponíveis, como afirma Engel:

A perspectiva de análise dos comportamentos sexuais e das vivências afetivas conduz, no entanto, a alguns problemas relacionados à metodologia e às fontes. Problemas, aliás, comuns a outros objetos da história, tais como, por exemplo, a cultura popular, as vivências dos segmentos “marginais” das populações urbanas e rurais etc. A ausência ou escassez de documentos diretamente produzidos pelos camponeses, pelos artesãos, pelos operários, pelas mulheres, pelos homossexuais, enfim, pelos setores dominados ou marginalizados nas diferentes sociedades, coloca-se como um primeiro obstáculo ao historiador. Assim, a maioria das fontes de que dispomos para estudar esses personagens históricos são indiretas, na medida em que constituem discursos formulados pelos segmentos dominantes e/ou dirigentes (Engel, 1997, p. 443).

Decidi focar minha argumentação nessa falta de documentação, que não significava a inexistência de sujeitos de sexualidade dissidente, mas sim uma tentativa de silenciamento e apagamentos dessas histórias. A forma com que populações LGBTQIA+ são jogadas às margens de grande parte dos discursos oficiais e dos espaços de memória é refletida diretamente nessas ausências nos espaços museológicos. Como afirma Boita e Batista:

Sabemos que a produção acadêmica referente à memória de grupos subalternizados, nas áreas ligadas aos museus e patrimônios, segue sendo um tabu. Associar a categoria sexualidade aos espaços de memória ainda é raro nas produções científicas e quase nulo nos museus brasileiros. Nos mais de três mil museus brasileiros dedicados à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, o tema LGBTQIA+ ainda é negado por seus profissionais. Podemos concluir que os museus e patrimônios são espaços de vocação fóbica à diversidade sexual, contribuindo, com isto, com o cenário de discriminação acentuada vivenciado pelas comunidades LGBTQIA+ no país. (Boita, Baptista, 2023, p. 30)

Logo, era urgente e necessária a elaboração de um espaço que apresentasse ao público visitante essa tentativa de apagamento sofrido por pessoas LGBTQIA+.

No dia 03 de setembro do mesmo ano foi feita a publicação de uma matéria em um jornal local sobre a triste situação de vida de uma travesti chamada Manoela¹, que estava morando nas ruas da cidade e passando por uma situação de fome. Felizmente ela foi acolhida alguns dias depois pela comunidade religiosa Salvando Vidas. Por conta da repercussão do caso (principalmente nas redes sociais) e na necessidade de abordar a violência sofrida por pessoas trans e travestis, eu e o coordenador do

¹ DALEFFE, Dilmércio. A vida de ‘Manoela’. Tribuna do Interior. 09 set 2023. Disponível em: <https://www.tribunadointerior.com.br/campo-mourao/a-vida-de-manoela/>

museu decidimos adicionar a foto de Manuela e um trecho da matéria do jornal ao painel.

Resultados e Discussão

Com o painel pronto e a reinauguração do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira outras matérias foram publicadas no mesmo jornal e novamente repercutiram nas redes sociais. A matéria intitulada “Há algo de novo no Museu Municipal²” teceu breves comentários sobre o painel dedicado à memória LGBTQIA+ e à vida de Manoela. Logo surgiram as várias críticas ao espaço, questionando a legitimidade da pauta e as possíveis contribuições feitas por Manoela. Pessoalmente, vi colegas de trabalho que nunca visitaram o um museu argumentando sobre critérios para se estar em um espaço de memória.

No perfil do Instagram *@campomouraonews* foram feitas algumas postagens nas quais diversos cidadãos mourãoenses contestaram o painel em defesa de uma visão tradicional e utilitarista de museu, no qual desejavam que fossem retratados apenas pioneiros, políticos, empresários, ou seja, adotaram um discurso que ainda está presente em diversos espaços museológicos, mas que deve ser superado. Como afirma França:

Os museus de história devem superar a glorificação de grandes heróis e apresentar uma exposição crítica, voltada aos levantamentos de problemas sociais. Para que um museu atenda a uma ação educativa, é importante que ele ofereça aos estudantes a possibilidade de realizar problematizações e a “[...] crítica historicamente fundamentada. Afinal, não se trata apenas de promover o reconhecimento, mas o próprio conhecimento, que incomoda na medida em que conhecer não é confirmar o que se sabe” (FRANÇA, 2019, p. 83).

Além dessa visão de *o que pode* e *o que não pode* ocupar os espaços de um museu, devo ressaltar a grande quantidade de comentários transfóbicos, chamando Manoela por pronomes masculinos e ressaltando o seu histórico de trabalhos sexuais de forma a atacar a sua dignidade.

Essa discussão de cunho LGBTQIAfóbico chegou à Câmara Municipal através de um requerimento protocolado por um vereador que questionou “Quais benefícios

² DALEFFE, Dilmércio. Há algo de novo no Museu Municipal. Tribuna do Interior. 22 out 2023. Disponível em: <https://www.tribunadointerior.com.br/campo-mourao/ha-algo-de-novo-no-museu-municipal/>

e feitos históricos ‘Manoela’ acrescentou a história de Campo Mourão?”³. Este mesmo vereador já elaborou projetos de lei que proíbem o uso de linguagem neutra nas escolas municipais e a existência de banheiros unissex. Ambos aprovados (mesmo sendo inconstitucionais) através de discursos de pânico moral e LGBTQIAfobia.

Considerações finais

Com esse breve relato, espero ter apresentado um exemplo de como é importante discutirmos a presença LGBTQIA+ nos museus, pois diversos setores da população que visitam (ou não) esses espaços estão discutindo sobre os critérios para ocupa-los. Muitos movidos por discursos de ódio que muitas vezes são apenas espantalhos argumentativos construídos para polemizar e conseguir votos para determinados grupos políticos.

Por fim, defendo uma museologia que pense em metodologias próprias para lidar junto a essas parcelas da sociedade que, assim como Manoela, têm sido alvo de ataques de conservadores e políticos de extrema direita. Defendo uma museologia LGBTQIA+, pois:

Em geral, herdamos fragmentos das gerações anteriores, memórias perdidas em calabouços tomados de vergonhas. A hereditariedade cultural, tão importante para qualquer grupo social, é, em nosso caso, comprometida por essa violência, arriscando a nos caracterizar como uma comunidade sem memória, o que contribui para nossa vulnerabilidade social. Vivemos, enfim, sem direito à memória. Eis, aí, mais um importante papel da Museologia Comunitária LGBTQIA+: enfrentar o esquecimento daquilo que nos caracteriza, propor uma conexão com o passado, falar sobre nossas ancestralidades e lutas de ontem e que hoje servem para nos somar, construindo, assim, um novo horizonte para o futuro. (Boita, Baptista, 2023, p.11)

É através da construção colaborativa de museus inclusivos e representativos que poderemos contribuir, ainda que pouco, para uma sociedade que reconheça o direito à memória de todos.

³ Câmara questiona "homenagem" no Museu. Boca Santa. Disponível em:
<https://www.bocasanta.com.br/index.php?p=YWxyb3RsaXMvbWlyb3RhaUB6aHo6666YWQ9NjUxODAyJmx1bW90ZV9vZGFjaWU9MzY2NQ>

Referências

ANJOS, Brandon Lopes. FRANÇA, Cyntia Simioni. Leituras a contrapelo de cenas publicizadas em narrativas sobre povos indígenas produzidas pelo Museu De Campo Mourão. **Ensino de História e Etnicidades**. 2020. p. 115-123.

BOITA, Tony. BAPTISTA, Jean (org). **Museologia comunitária LGBTQIA+ e outros ensaios queer interseccionais** [livro eletrônico]. Museu da Diversidade Sexual. São Paulo, 2023.

EHRlich, Michel. Museu e História Pública: Possibilidades, dilemas e desafios. PEREIRA, Márcio José (org). **História Pública: Entre conceitos, lugares e experiências**. p. 126-146. 2023.

ENGEL, Magali. História e Sexualidade. **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). Campus. 5ª Edição. 1997. p. 430-450.

FRANÇA, Cyntia Simioni. Que História Pública é contada sobre os povos africanos no Museu Egípcio Itinerante? **Fronteiras: Revista Catarinense de História**. Dossiê Ensino de história e relações étnico raciais. N 34. 2019. p. 76-99.

FRANÇA, Cyntia Simioni França. SANTOS, Maira Wencel Ferreira. Museus e seus Públicos: possibilidades dialógicas, inventivas e interativas. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. vol. 33 n.2. Uberlândia, jul./dez. 2020. p. 251-279.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre história pública no Brasil. MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (org.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 23-35.